

## RECURSOS DAS LINGUAGENS E A VIDA COTIDIANA NA PERSPECTIVA DA MOTRICIDADE VITAL

Sérgio Oliveira dos Santos<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente artigo trata de abordar a vida cotidiana, pela perspectiva da motricidade vital, como conjunto de dimensões intercambiantes que entende a práxis criadora como horizonte de realização. A questão central do estudo é: sendo a vida cotidiana tão variável em possibilidades e desafios quanto o número de corpos que a habitam, é possível revelar essências comuns, mesmo considerando seus complexos contextos, circunstâncias e imprevisibilidades? O processo metodológico segue o desenho de pesquisa inspirado pelo entrelaçamento semântico (Santos, 2025). O primeiro passo será propor uma perspectiva para a vida cotidiana a partir da motricidade vital. Em seguida explora-se o conceito de práxis criadora e seus entrecruzamentos com a vida. A terceira etapa do estudo relaciona as prefixações *re* e *des* em língua portuguesa com as duas ideias anteriores, para pensarmos a importância dos recursos das linguagens nas interações da vida cotidiana. Conclui-se que para interpretar o mundo e, com ele, compor modos de entrelaçamento mais dignos para o desenvolvimento humano, faz-se necessário referenciá-los com recursos semânticos diversos para melhor sentir, pensar e atuar no dia a dia.

**Palavras chave:** Motricidade vital; Cotidiano; Práxis criadora; Semântica; Prefixações.

### LANGUAGE RESOURCES AND DAILY LIFE FROM THE PERSPECTIVE OF VITAL MOTRICITY

**Abstract:** This article aims to approach everyday life, from the perspective of vital motricity, as a set of interchangeable dimensions that understand creative praxis as a horizon of achievement. The central question of the study is: since everyday life is as variable in possibilities and challenges as the number of bodies that inhabit it, can it reveal common essences, even considering its complex contexts, circumstances and unpredictability? The methodological process follows the research design inspired by semantic interweaving (Santos, 2025). The first step will be to propose a perspective for everyday life based on vital motricity. Next, the concept of creative praxis and its intersections with everyday life are explored. The third stage of the study relates the prefixes *re* and *des* in Portuguese with the two previous ideas, to think about the importance of language resources in everyday life interactions. It is concluded that to interpret the world and, with it, compose more worthy ways of intertwining for human development, it is necessary to reference them with different semantic resources to better feel, think and act on a daily basis.

**Keywords:** Vital motricity; Daily life; Creative praxis; Semantics; Prefixes.

---

<sup>1</sup>Pós Doutor em Educação pela UEPA - Universidade Estadual do Pará. Doutor e Mestre em Educação pela UMESP - Universidade Metodista de São Paulo. Docente na USCS - Universidade Municipal de São Caetano do Sul. Docente na PMSCS - Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul. Membro do Cemoroc - Centro de Estudos Medievais -Oriente/Ocidente - FEUSP. Membro do Comovi - Colectivo de Motricidade Vital.

## Sensibilização

*“Pare, repare, respire  
Reveja, revise sua direção  
Olhe com todo cuidado  
Pra todos os lados do seu coração”.*  
(Alceu Valença)<sup>2</sup>

Sugere-se, como um contato inicial com o tema abordado, a audição da música de Alceu Valença: “Pare, repare, respire”. Ouça sensitivamente... O que sente com esse maracatu?

## Introdução

Vivemos no cotidiano, mas, pouco pensamos sobre ele. Costumamos fazer projetos a médio e longo prazo, mas pouco nos ocupamos de olhar as essências daquilo que fazemos diariamente. Ritos e hábitos vão se instalando na nossa rotina, assim, buscamos existir, às vezes, resistir, mas nem sempre vivemos em plenitude.

Considerando que a vida cotidiana é tão vasta e variada como a quantidade de corpos que nela habitam, de que maneira podemos abordar o cotidiano? Por quais motivos tornar-se-ia relevante esse tema?

Esse estudo tem como objetivo aproximar-se do cotidiano da vida na perspectiva da motricidade vital<sup>3</sup>. Para isso vamos explorar a ideia de práxis criadora e alguns possíveis entrelaçamentos com os prefixos *re* e *des*, em língua portuguesa, como referenciais semânticos para pensarmos a importância dos recursos das linguagens na modulação dos valores, dos sentidos e das relações no dia a dia.

Trabalharemos com uma questão principal: sendo a vida cotidiana, tão variável de possibilidades e desafios como a quantidade de corpos que a habita, é

---

<sup>2</sup> Alceu Valença. Da canção: Pare, Repare, Respire. Álbum: Maracatus, batuques e ladeiras (1994). Veja em: <https://www.youtube.com/watch?v=T73lqQ9783U>

<sup>3</sup> A motricidade vital é: “percepção de nosso ser-corpóreo (estar-no-mundo) que, a partir da incompletude, nos impulsiona a viver e caminhar para ser-mais (transcendência), coimplicado cooperativamente com o(s) outro(s) e o com o cosmos, a partir de todas as qualidades, línguas, culturas e habilidades que são próprias dos seres humanos, destinados a co-criação de seres humanos /comunidades / sociedades / mundos que permitem a vida digna de todos os seres presentes e futuros. Motricidade Vital é viver afetuosamente, com ética, transcendência e colaboração cósmica. É vivenciar diferentes ações que impliquem em desenvolver nossa sensibilidade, que se converta em experiências significativas, a partir das quais poderíamos narrar e contribuir com novas formas de ser-e-estar-no-mundo, para buscar outras perguntas que nos levem a diferentes alternativas, criando uma rede de sentidos de todos com todos e com o que nos rodeia. Motricidade Vital como consciência integrativa e regeneradora, como criação de mundos possíveis, como esperança e alegria para seguir semeando utopias realizáveis, com calma eficiente, que nos permita uma mudança de paradigma de nosso-ser-no-mundo em relação com os demais seres vivos com os quais compartilhamos Gaia” (Comovi, 2022, p. 13). Para conhecer mais artigo sobre a Motricidade Vital acesse: <https://independent.academia.edu/COMOVIColetivoMotricidadeVital>

possível revelar essências comuns, mesmo considerando seus complexos contextos, circunstâncias e imprevisibilidades? Vamos trabalhar com as teses seguintes: 1) há elementos ontológicos comuns, se considerarmos a vida cotidiana como um jogo lúdico-criador (López Quintás, 2004, p, 128) ou dança semântica<sup>4</sup> entre incidências e decisões, entre as sensibilidades e os usos das linguagens; 2) a motricidade vital, como energia essencial para interagir, integrar e criar mundos é a matriz primordial da vida cotidiana. É o élan vital para dialogar e responder ao chamado da vida, ou seja, um apelo à plenitude de realização co-implicada (Santos, 2017, p. 42) que pode (ou não) ser assumido pelo ser, na sua individuação e coletividade. 3) a práxis criadora é um horizonte promissor de como nós humanos podemos assumir nossa participação linguajante no mundo.

O processo metodológico segue o desenho de pesquisa inspirado pelo fenômeno de entrelaçamento semântico (Santos, 2025). O primeiro passo será propor uma perspectiva para a vida cotidiana a partir da motricidade vital. Em seguida vamos explorar o conceito de práxis criadora e seus entrecruzamentos com a vida cotidiana. Para avançar na discussão, vamos explorar as possibilidades semânticas das prefixações *re* e *des* para direcionar as formas de relação com o entorno, para ilustrar as teses em foco, na direção de vislumbrar processos revitalizadores e regenerativos da condição humana.

## **A vida cotidiana e suas dimensões intercambiantes**

*Nada sobrou*

*“As pessoas sem imaginação podem ter tido as mais imprevisíveis aventuras, podem ter visitado as terras mais estranhas... Nada lhes ficou. Nada lhes sobrou. Uma vida não basta apenas ser vivida: também precisa ser sonhada”. (Quintana, 2024, p. 55)*

Cotidiano se entende como: aquilo que se faz todos os dias; aquilo que ocorre habitualmente.

A vida mesma se dá na sua ocorrência diária e alguns artistas exploram essa condição em suas criações. Um exemplo é o programa “Bossamoderna” que

---

<sup>4</sup> Nesse estudo, vamos considerar a “dança semântica” numa perspectiva de semântica encarnada, ou semântica corporalizada, isto é “o conjunto de sentidos acionados pelas pessoas em sua interação com o entorno bio-cultural-social, acionados desde a materialidade perceptiva e sensível que se desdobra nas experiências das múltiplas linguagens e seus usos cotidianos”. (Santos; Soares, 2024, p. 2)

dedicou uma seleção musical brasileira que aborda o cotidiano<sup>5</sup> com seus dramas e possibilidades, assim como nas pinturas de Rodrigo Yudi Honda<sup>6</sup> além das poesias de Mário Quintana, entre tantos outros que estão sensíveis aos contextos do dia a dia. Nesses retratos da vida vai se construindo uma “Arte do Entorno”, uma obra que olha para o que está aí, baseada na observação do cotidiano que procura retratar cenas observadas e inspiradas na vida vivida (Neiva, 2020).



fig. 1 - “Yakult”- Pintura em óleo sobre tela (2020) - Rodrigo Yudi Honda  
Fonte: <https://followthecolours.com.br/rodrigo-yudi-honda-a-arte-de-retratar-cenas-do-cotidiano-brasileiro/>

Mas não só eles, os artistas, que podem ficar seduzidos pelo mundo da vida cotidiana. Podem sim nos inspirar, mas, todo esse jogo lúdico-criador ou dança semântica (baile dos sentidos e significados) do cotidiano pode ser compreendido por todos nós, de diferentes maneiras, evidentemente, desde que, aceitemos participar desse jogo intensamente relacional entre as condições existenciais. Afinal de contas, todos nós vivemos diante das carências e vulnerabilidades e seus graus distintos de possibilidades, individuais e coletivas, para promover a vitalização (Santos; Trigo; Soares, 2025)

Neste estudo propomos uma abordagem pluridimensional da vida cotidiana, ou seja, de dimensões que se entrecruzam e que, por ventura, possa trazer uma perspectiva comum diante da inequívoca diversidade vivida no dia a dia das pessoas. Vamos a elas numa breve descrição:

---

<sup>5</sup> Bossamoderna. Edição de 15/11/2020. Ouça o programa em: <https://radios.ebc.com.br/bossamoderna/2018/08/confira-musicas-que-abordam-o-cotidiano>

<sup>6</sup> Para conhecer o artista e sua obra: <https://www.rodrigoyudihonda.com/>

Há uma dimensão existencial que reflete as necessidades básicas das sobrevivências, onde é necessário superar os desafios da subsistência, como: alimentos, hidratação, abrigo, vestimentas, cuidados de higiene, além de buscar ambientes e relações que ofereçam o mínimo de dignidade pessoal. Parte da vida cotidiana das pessoas é dedicada a isso<sup>7</sup>. Uma segunda dimensão, que se entrecruza com a anterior (sem bordas ou fronteiras) é a dos ordenamentos cotidianos, ou seja, das tarefas que exercemos para “dar conta”. É a dimensão pragmática do mundo ordinário. Trata-se de fazer as coisas funcionarem, dos processos serem desencadeados, de manter fluxos ativos, de criar ritmos que permitam orientar-se no espaço-tempo do dia, seja na dimensão concreta da vida como na infosfera, ou seja, no mundo digital. Uma terceira dimensão do leque de pluralidades é a do “cuidar”. Diferente da dimensão do “dar conta”, há uma relação afetivo-emocional fortemente presente nas ações. Precisamos estar co-emocionados com aquilo que realizamos. Não se trata apenas de fazer algo, mas envolver-se afetuosamente com algo ou alguém. Uma quarta dimensão, que como já afirmamos, está em entrecruzamento com as demais, é a dimensão da transcendência (Sérgio, 1999, p. 277). É uma dimensão que convida a ultrapassar as realidades anteriores. É uma espécie de “transbordamento”. Entramos num âmbito de contemplar, refletir profundamente, encantar-se, abrir-se para novas possibilidades em busca de ser-mais em estado de fruição. É uma espécie de intervalo no tempo ordinário para se viver o tempo da descoberta.

Que condições e capacidades precisamos ter ou desenvolver para percorrer o dia a dia nestas dimensões e, com isso, seguir compondo nossa trajetória de vida? Quão importante é a educação e os contratos sociais nesse processo? Vejamos.

Todas essas dimensões entrecruzadas são estruturadas e moduladas de forma relacional de acordo com a trajetória de vida e as oportunidades de agir na perspectiva da práxis criadora. É o que observamos, por exemplo, no filme “Dias perfeitos”<sup>8</sup> de Wim Wenders, onde Hirayama vive um cotidiano que explora todas as

---

<sup>7</sup> Em casos extremos, pelo mundo afora, são diversas as pessoas que nem essa dimensão existencial está garantida o que provoca um estado de sofrimento social, que, segundo Werlang e Mendes, (2013, p. 766) “não é apenas “um sofrimento”, mas um sofrimento que se instala/esconde nas zonas de precariedade, nas zonas sociais de fragilidade e cuja ação implica na perda ou possibilidade de perda dos objetos sociais: saúde, trabalho, desejos, sonhos, vínculos sociais, ou seja, o todo da vida composto pelo concreto e pelo subjetivo que permite viver a cada dia, a vida psíquica, a vida interior composta pela subjetividade”.

<sup>8</sup>Dias perfectos (2023) - Subtitulado <https://m.ok.ru/video/6994924407361>

dimensões entretidas descritas aqui, com destaque aos momentos de transbordamento de sentido em seus registros fotográficos, seus pequenos rituais do dia a dia, como: os atos de cuidar das coisas, de cuidar dos entes viventes, interagir com as pessoas e de viver bem consigo mesmo. Hirayama impregna a arte da admiração no seu viver diário, pelo hábito da leitura, assim como o ato de apreciação musical analógica que transforma o cotidiano num âmbito lúdico-criador, onde o extraordinário tem lugar dentro do ordinário.

Hirayama vive imerso em âmbitos que oferecem diversos recursos de linguagem para expandir sua dialogicidade com o entorno, seu mundo transborda em sentido, relações e valores. Ele coloca à sua disposição uma aquarela de âmbitos relacionais multidirecionais (Santos; Trigo; Soares, 2025, p. 122) que faz com que seu dia a dia seja mais colorido, mais cheio de imaginação e de sensações de plenitude.

Mas o filme nos provoca, e faz perguntar: Será que estamos perdendo nossa capacidade de atuar sensibilizados pelas ocorrências do mundo que nos rodeia? Será que nossos recursos semânticos (desde a sensibilidade corpórea passando pelos recursos das linguagens) estão se esvaindo em função da aceleração da vida cotidiana (Rosa, 2019) e das mudanças antropológicas oriundas da infosfera (Berardi, 2017).

As pessoas tinham o hábito de escrever sobre a vida cotidiana em seus diários, mantidos às escondidas, pois se tratava de algo personalíssimo. Era um exercício de voltar-se a si mesmo, elaborar os sentimentos, as emoções, as ideias, angústias e esperanças do dia a dia vivido. Hoje em dia as pessoas fazem mapeamentos de si mesmo através do *self-tracking* (Santos; Oliveira, 2022), coletando dados e informações mensuráveis e classificáveis, de certo modo, abandonando a narratividade do dia, ou então, criam simulacros da vida para postar nas redes sociais, de modo esvaziado, como é o caso dos *Story* do Instagram, que, paradoxalmente, não deixa história nenhuma, não possui duração narrativa (Han, 2023, p. 49).

O fato é que as linguagens circundam nossa vida diária. Aí está um ponto comum na diversidade de seus usos. Somos seres de linguagem (Echeverria, 2003). Nossas ações no mundo e com o mundo cotidiano são linguajantes (Maturana, 2014a, p. 200; 2014b. p. 138). Um linguajear corpóreo-motricio

ontologicamente estruturado. Desse modo, não há como pensar na vida cotidiana dissociada das apropriações e usos das linguagens.

É inevitável questionar: Como estamos linguajeando nossa vida cotidiana? Como os recursos das linguagens fazem o dia ampliar o alcance do sentido, das relações e dos valores do próprio viver? Quem nos tem ensinado a valer-se dos recursos das linguagens para promover a expansão semântica co-implicada?

## **A práxis criadora**

Por que estudar a vida cotidiana e suas possíveis relações com a práxis criadora? Como podemos estudar a vida cotidiana considerando a imensa variedade de modos de ser e agir e as incontáveis circunstâncias e contextos? É possível encontrar elementos semânticos catalisadores da vida cotidiana e da práxis criadora?

Práxis criadora: do que se trata?

Compreendemos como um fenômeno de provocação e avocação de uma atitude de “colocar em marcha”, de desencadear, de mobilizar, de agenciar, de acionar a totalidade da rede de sentidos (Santos, 2022) para responder, dialogar, entrelaçar, tecer e tecer-se no mundo a partir de suas interpelações e invocações para participar ou criar outros mundos possíveis. É um movimento de participação ao chamamento da vida, suas emergências e imponderáveis. É o caminho a ser percorrido instigado pela imaginação e pelo vislumbamento de possibilidades de desvelamento e descoberta.

É constituído de forma e sentido, de materialidades e subjetividades, de estruturas concretas, de valores, de métodos e esperanças mobilizadas pelas energias individuais e coletivas.

Há na práxis criadora um forte componente de interpretação das múltiplas realidades circundantes que invoca o sensível, a intuição e os estratos pré-reflexivos, como é o caso das emoções.

A práxis criadora, como construção processual, é resultante de uma cadeia de entrelaçamentos semânticos<sup>9</sup> em que pessoas e/ou comunidades vão

---

<sup>9</sup> “O entrelaçamento semântico, numa perspectiva metodológica, é um percurso de construção de sentido por vias modulacionais associativas, dialógicas, integrativas e ressonantes. Formas dinâmicas de dizer a experiência da vida por muitas vias. Sua matriz é a afecção sensível em articulação com a complexa trama da rede de sentido. Por ter sua matriz na afecção sensível, o entrelaçamento semântico, como desenho

edificando ao longo de sua história de vida e que, num momento oportuno, quiçá “mágico”, sinergicamente se adensam, criando condições favoráveis para germinar um novo modo de ser, agir, pensar e sentir.

A práxis criadora é condição desbravadora de horizontes de possibilidades. É um estado de espírito. É uma virtude de caráter transcendental, projeta o ser-mais co-implicado. É um modo de exercer a genialidade, a generosidade e a regeneratividade, ambas compreendidas e movidas pela energia de renovação e vitalização.

Agora pensemos: não é a práxis criadora o próprio elemento constitutivo do cotidiano da vida emancipadora? Qual é, efetivamente, o nível de autonomia que temos para fazer escolhas e eleger caminhos, considerando que muitos “pontos de partida” da vida são potencialmente muito distintos. Que capacidades são fundamentais para a construção de uma trajetória de vida em plenitude? Como a práxis criadora seria possível em contextos vivenciais complexos como a extrema pobreza ou estados de guerra?

Isso quer dizer que, a práxis criadora, embora potente como horizonte ontológico, não se descola das condições materiais que a circunscrevem. Em contextos de precariedade extrema, zonas de conflito ou cenários de exclusão sistêmica, ela esbarra em obstáculos concretos, como a falta de acesso a direitos básicos, a violência estrutural e a ausência de redes de apoio. Nesses casos, a recursividade semântica (prefixo *re* e *des*) pode ser cooptada por discursos de resistência vazios, que mascaram a manutenção de opressões. Aqui, a linguagem precisa ser tensionada por mobilizações coletivas, por redistribuição de recursos e construção do bem comum. A práxis criadora, portanto, não é um universal abstrato, mas uma possibilidade situada, que demanda alianças entre reflexão semântica, projetos educativos e ação política.

Propomos traçar um processo reflexivo para tratar dessas complexas perguntas considerando os limites e extensões da condição corpóreo-motricia em suas diversas dimensões, desde sua matriz semanticamente encarnada e os usos e manifestações das múltiplas linguagens. Dentro deste cenário epistemológico e a

---

metodológico, passa pelo desvelamento daquilo que é apropriado pela percepção na experiência relacional do ser-no-mundo, em combinação com processos narrativos e interpretativos. É um processo que acolhe e aceita as contradições, os conflitos, as oposições, os paradoxos e as aporias como composições dinâmicas próprias da vida” (Santos; Trigo; Soares, 2025. p. 117).

miríade de possibilidades investigativas, optamos por explorar a vida cotidiana numa perspectiva semântica através das prefixações *re* e *des* em língua portuguesa, para demonstrar como os recursos das linguagens são fundamentais no transcurso do dia a dia. Pode ser pouco, diante do volume e intensidade dos desafios, porém, não menos importante.

### **Prefixos *re* e *des* e as dinâmicas da vida cotidiana**

A aproximação da práxis criadora e da vida cotidiana com a ideia dos prefixos *re* e *des* surgiu da necessidade de criar, junto aos estudantes do ensino fundamental de uma escola municipal em São Caetano do Sul/ SP, uma ação pedagógica para tratar do tema do respeito, devido à crescente tensão na relação docente-estudante, com destaque aos anos finais do ensino fundamental II (8<sup>os</sup> e 9<sup>os</sup> anos), agregados a um sentimento presente de indiferença e indisposição às tarefas escolares.

Sem nada novo por parte dos procedimentos vigentes da cultura escolar, a minha abordagem inicial foi buscar a etimologia da palavra respeito e sua relação com o mundo da vida, para expor aos estudantes e desafiá-los a perceberem-se nos movimentos de si mesmos.

Mostrei que a palavra “respeito” (*respect, respicere*) tem o sentido de “olhar em volta; olhar ao redor; olhar pra trás”, onde *re*, em latim, é para trás, de volta e “specere”, olhar em volta<sup>10</sup>. Cheguei até a utilizar a música “Over my shoulder” de Mike & The Mechanics<sup>11</sup> para ajudá-los no processo interpretativo do conceito de alteridade, base do respeito, observado no refrão da música:

*Looking back over my shoulder  
I can see the look in your eye  
Turning my head over and over  
I never wanted to say goodbye*

Olhando sobre meus ombros  
Posso ver o olhar no teu olho  
Virando minha cabeça repetidas vezes  
Eu nunca quis dizer adeus

<sup>10</sup> <https://www.etymonline.com/search?q=RESPECT>

<sup>11</sup> Mike + The Mechanics - Over My Shoulder - <https://www.youtube.com/watch?v=H7m1PO7wvYM>

Essa gênese semântica revelou uma aproximação incrível com a realidade dos jovens estudantes, relatada pelos docentes em reuniões pedagógicas. A dificuldade de olhar ao redor, de se descentralizar, de sair do seu universo egóico para encontrar o outro, os outros. Surge a pergunta: como seria a análise relacional do mundo da vida cotidiana desses mesmos jovens em outras palavras com prefixo *re*?

Inevitavelmente surgiu a palavra “responsabilidade”, que vem do Latim *responsus*, particípio passado de *respondere*, “responder, prometer em troca”, de *re*, “de volta, para trás”, mais *spondere*, “garantir, prometer”. Também veio à tona a palavra “reconhecimento” e todo horizonte compreensivo a ela atrelada.

A partir dessa disposição de interpretar a realidade do cotidiano de jovens estudantes, revelou-se um horizonte semântico desafiador desse prefixo, não só para eles, mas para todos nós, pois, aquele que precisa ou se vê obrigado a responder sobre seus atos, ou assegurar que vai cumprir com suas obrigações é afetado pelo campo semântico da prefixação *re*<sup>12</sup>.

Vejamos outros possíveis direcionamentos e intencionalidades traduzidas por palavras de prefixo *re*: repensar, refazer, rever, reler, reescrever, repor, reorganizar, replanejar, reconciliar, reanimar, reajustar, reabilitar, retratar, reacreditar, reorientar, etc.

Na vida atual tem sido desafiador investir em atos que expressam a recursividade, a replicação, o dobrar-se sobre si ou algo como um exercício de aperfeiçoamento necessário para um projeto de transcendência. Essencialmente porque, o mundo da vida que expressa o prefixo *re*, exige tempo qualificado e dedicação pessoal em contextos coletivos favoráveis.

O ato de recursividade que estamos destacando não é da repetição mecanizada, de sentido empobrecido, em situações como o trabalho que nada cria,

---

<sup>12</sup> No estudo desenvolvido por Meirelles e Caçado (2014), há quatro grupos distintos de verbos que se ligam ao prefixo *re* em língua portuguesa. O primeiro grupo são ligações que não possuem o caráter de repetição, exemplo: rebelar, receber, recepcionar, redimir, regar, etc. Redimir não é “dimir de novo”. O segundo grupo não está ligado à ideia de repetição mas há um verbo primitivo, exemplo: reagir, rebater, recompensar, recorrer, reclamar. São verbos que existem sem a presença do prefixo mas que não dizem respeito à recursividade. O terceiro grupo é aquele onde é claro o sentido de repetição mas não há um utilização destes sem a prefixação, exemplo: recapitular, retocar, retornar. Não se diz que vamos “capitular” algo. O quarto grupo é aquele que é composto por verbos em que o *re* se une a um radical verbal primitivo, equivalente semanticamente à expressão adverbial *de novo*, exemplo: reabastecer, realinhar, reconfigurar, etc. (Meirelles; Caçado, 2014, p. 156). É esse quarto grupo que interessa neste estudo sobre a semântica encarnada pois está mais relacionado à práxis da vida cotidiana. Segundo Solange Mendes Oliveira (2004, p. 130) o prefixo *re* como um prefixo latino, que apresenta a possibilidade de indicar “repetição” (refazer) e “movimento para trás” (refluir). O prefixo *re* denota ainda “reciprocidade” (ressaudar) e “intensidade” (ressaltar, ressentir). O que nos interessa neste são os verbos cuja prefixação corresponde ao sentido de repetição e refluir.

ou dos rituais manipuladores da fé alheia, que apenas reproduz, mas aquele que está em jogo o ato criador, como o que faz o ator em seu processo de construção da personagem, ou do intérprete, na busca de encontrar a melhor forma de tornar viva uma peça musical, do esportista que visa melhorar suas performances, um contador de histórias que a cada oportunidade agrega novos elementos aos seus contos, ou aqueles que dedicam aos processos rituais de emancipação consciente de seu posicionamento no mundo.

O prazer criador e recriador está presente nesses casos, tal como a criança pequena que lança um objeto, várias e várias vezes, pelo prazer de assistir as ocorrências produzidas com o seu gesto. Assim como, para um processo de incorporação, um filme marcante que é assistido muitas vezes. Sem contar no *mimismo*, conceito desenvolvido por Marcel Jousse (1969, p. 53 - 60) que pode ser definido como “a capacidade instintiva e inconsciente que o homem tem de reproduzir atitudes, ritmos e movimentos de coisas e seres” (Scheffler, 2019, p. 237). O *mimismo* tem seu desenvolvimento no que Jousse chama de *rejoue*, ou re-jogo, ou seja, o que é incorporado pelo *mimismo* tende a ser reproduzido, exprimido, refeito, “rejogado”, “rebrincado” (Scheffler, 2019, p. 237).

Voltando aos estudantes, o problema central que foi discutido em aula foi a preocupante atitude de indiferença, de ignorar o outro, tornando-o invisível, num ato de voltar-se para si mesmo de forma egóica, individualizada, desejando que tudo gire em seu redor para satisfazer suas vontades e necessidades, não aceitando o contraponto para nada e por ninguém. Um olhar para o próprio umbigo. Mas não como o antigo ato grego de meditação contemplativa (*omphaloskepsis*), mas aquele de ensimesmar-se desconsiderando o entorno, tanto do ponto de vista individual como coletivo e, sobretudo, institucionalmente na forma de política de estado.

O prefixo *re*, que traduz a práxis fenomenológica de uma tomada de consciência da ação e atitude por sua recursividade não é o mesmo que um voltar-se para si mesmo para fechar-se. O prefixo em questão, em especial na palavra respeito, é um movimento de abrir-se ao mundo, expandir sua visão e entendimento do que está acontecendo ao seu redor. O prefixo *re* é um convite para integrar centros de iniciativa de vida, para a vida. É sair do egocentrismo para caminhar na multiplicidade dialógica e interativa do cotidiano.



Figura 2 - Satyres en atlante Department of Greek, Etruscan, and Roman Antiquities of the Louvre<sup>13</sup>  
Fonte: <https://dome.mit.edu/handle/1721.3/140196>

Há nessa perspectiva compreensiva uma consciência em ato, ou seja, a recursividade de perceber-se no mundo, não olhando para o próprio umbigo, mas aceitando o desafio de viver em plena alteridade, entendendo-se e criando modulações interativas com o mundo natural, cultural e virtual. O *re* convida ao processo de aperfeiçoamento de si mesmo na trajetória da vida co-implicada para criar conjunções (re)generativas.

Outra dimensão humana fundamental, que também é marcada pela dimensão semântica deste prefixo, e a experiência de repetir e rever, recurso fundamental para a criação de possibilidades existenciais traçadas na dialogicidade cotidiana.

A prefixação *re* também está presente na palavra “ressonância” que, segundo Hartmut Rosa (2019, p. 29) é um acontecer processual, sempre dinâmico que envolve a qualidade de relação estabelecida entre ser e mundo promovendo formas de encontro. Ressonância, na ideia do autor, é um modo relacional onde as pessoas se colocam numa relação responsiva, ou seja, “que se dá em um mútuo alcançar do outro lado, que desdobra um efeito transformador em ambos os lados, ou pelo menos pode desdobrar-se” (Rosa, 2019, p. 33).

---

<sup>13</sup> “Para os gregos, Delfos era o centro do universo. Para torná-lo facilmente identificável, Zeus coloca ali uma marca geodésica – uma pedra conhecida como ônfalo. “Omphalos” em grego significa “umbigo”. Os gregos acreditavam que as pedras ônfalos facilitam a comunicação com os deuses. Mas se você não tiver essa pedra por aí, tente usar o umbigo. É chamado de “onfaloscepsia” ou olhar para o umbigo. Olhar para o umbigo já foi considerado uma forma de meditação. “Sátiros em Atlante” é um conjunto de estátuas localizadas no Louvre que representa quatro sátiros com a cabeça inclinada para contemplar o umbigo. Mas os tempos mudaram e a contemplação do umbigo já não é considerada uma experiência mística. Hoje o termo “contemplador do umbigo” se destina a alguém tão fixado em si mesmo que tem dificuldade em contemplar o mundo ao seu redor”. Fonte: <https://artforhousewives.blog/2020/11/29/omphaloskepsis/>

Não à toa o prefixo *re* é considerado como um referencial semântico do aprender, já que aprender envolve as ações de: repetir, reconhecer, relacionar, refinar, retocar, regozijar, respeitar, responsabilizar (Macedo, 2020).

Em suma: um percurso de vida cotidiana semanticamente orientada pela prefixação *re*, desde as experiências encarnadas, dá passos na direção de um aperfeiçoamento como humanos, tanto na construção de sua singularidade como na composição de relações conjuntivas.

No entanto, alguns atos onde o *re* está presente como início de um termo, não correspondem a um sentido de recursividade e, portanto, não entram no campo semântico da práxis cotidiana emancipadora de si e dos outros que aqui estamos destacando. É o caso das palavras que alimentam o desejo de vingança, “revenge” em inglês, ato de *represália*, *retaliação*, *rechaçar* e *rejeitar*, no sentido de dar o troco. Se retirado o *re*, não há sentido na base da palavra que resta, fica um vazio semântico, tanto na forma como no horizonte fenomenológico existencial: “presália”, “taliação”, “chaçar”, “jeitar”.

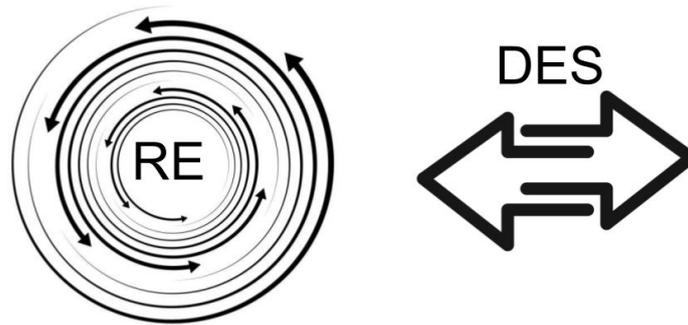
A construção da práxis criadora cotidiana da vida que despreza as possibilidades de acoplamento semântico referenciados por palavras com prefixo *re* de caráter emancipatório, possivelmente fará surgir dimensões existenciais traduzidas pelas palavras/verbo com prefixo *des*. Explico: quando não se cuida dos horizontes da vida traduzidos pelo prefixo *re*, fica difícil assumir as ações comprometidas com a melhora de si e de seu entorno numa perspectiva (re)generativa.

Não se trata de uma relação causal entre os dois horizontes fenomenológicos dessas prefixações, em intencionalidade e desdobramentos no mundo da vida. O que não impede de inferir aproximações, visto que o prefixo *re* trata da recursividade e o *des* trata do inverso ou contrário<sup>14</sup>.

---

<sup>14</sup> O prefixo *des* pode fazer ligação com base substantiva, como em *desacordo*, *desafeto*, com base adjetiva, exemplo: *desajeitado*, *desanimado*, *desagradável*, e com base verbal: *desapropriar*, *desarticular*, *descaracterizar* (Oliveira, 2004). Assim como adotamos no prefixo *re*, vamos trabalhar com a base verbal da ligação com o prefixo *des* e o sentido de ação contrário, de desfazer.

Figura 3 - Representação imagética de intencionalidade de ação nas prefixações *re* e *des*.



Fonte: Do autor

Ao adotar as possibilidades semânticas da prefixação *re* para direcionar as formas de relação com o entorno, os nossos atos tendem a criar processos revitalizadores e regenerativos da condição humana e não humana. No entanto, sua ausência pode gerar um crescimento progressivo do nível de vigilância, controle e manipulação sobre os modos de ser. A pessoa será chamada a responder por seus atos e responsabilizar-se, ou seja: quando falha o horizonte fenomenológico e a intencionalidade regenerativa do prefixo *re*, cresce a demanda de sentidos delimitados pelo prefixo *des*, uma vez que é um direcionamento bem distinto com relação a atos de retomada, de recursividade, de reflexão, de ressonância, de reverberação, de respeito, de reconciliação, etc.

A vida cotidiana, orientada pelas demandas semânticas das prefixação *des*, como por exemplo em: desculpa, desrespeito, desatenção, desestímulo, desatino, descontentamento, descaso, descuido, desprezo, desânimo, desagregar, em conjunto, acabam delimitando um modo de acoplamento semântica com muitas vulnerabilidades e ressentimentos.

As formas existenciais orientadas por possíveis acoplamentos semânticos dados pelos prefixos *re* e *des* não são somente observados nas pessoas individualmente, ou para um grupo de pessoas. Vale também para as instituições e para compor e coordenar os usos das linguagens em políticas públicas.

Vejamos o exemplo do que ocorre no bairro da Luz em São Paulo.

Esse território é marcado por um conjunto de situações contrastantes e paradoxais. Por um lado há um núcleo de instituições e circulação de pessoas que movimentam a excelência humana no mundo das artes e da cultura. Neste bairro encontra-se, por exemplo: a Sala São Paulo, o Museu da Língua Portuguesa, a

Pinacoteca do Estado de São Paulo, o Parque da Luz, a Estação Pina, o Museu de Arte Sacra, o Memorial da Resistência, o Arquivo Municipal Histórico de São Paulo, a Oficina Cultural Oswald de Andrade. Todo esse conjunto mostra a presença marcante da prefixação *re*, no sentido que mostramos até agora, pois são lugares de encontro, de ressonância e excelência.

Já no entorno, suas ruas são expressões do descaso com a vida, da desumanização, da destituição de direitos, do desconforto, da desilusão de muitas vidas que se entregam ao imponderável. As vidas que circulam pelo bairro da Luz, entre as instituições de arte e cultura e suas ruas, revelam a enorme desigualdade de acoplamentos semânticos encarnados.

Figura 4 - Contrastes de âmbitos existenciais e de entrelaçamentos semânticos no bairro de Luz em São Paulo.



Fontes: Sala São Paulo (esquerda) - do autor. Cracolândia:

<https://fontesegura.forumseguranca.org.br/as-perambulacoes-da-cracolandia>

Tais instituições têm sido responsáveis por um novo afluxo de pessoas ligadas às classes médias e altas à região central. As casas, ruas e praças de tal região, entretanto, têm sido há muito definidas por forte ocupação popular, com uma quantidade significativa de cortiços, bem como práticas recorrentes de comércio informal, prostituição e tráfico e consumo de crack em vários espaços públicos. (Frúgoli Jr; Sklair, 2009, p.5)

Neste território a vida segue em disputa. Quem ali tem direito de viver dignamente? Como pode a excelência humana dialogar com a extrema vulnerabilidade existencial? Quem pode usufruir dos projetos de melhoria do bairro?

A disputa envolve questionáveis projetos que se dizem preocupados com a “re-vitalização” e “re-qualificação” do bairro, mas que, em seus desdobramentos, pretende desalojar as pessoas que a anos residem no bairro, quem pode ou não ter

acesso aos recursos das linguagens num possível movimento de gentrificação<sup>15</sup> (Frúgoli Jr ; Sklair, 2009).

Os bairros e centros históricos das cidades brasileiras (e isso vale para o fenômeno urbano de um modo geral), desde suas origens colonizadoras, sempre foram e tendem a ser ocupados heterogeneamente, com a presença de diversos grupos e segmentos sociais que estabelecem intensa e complexa interação política, econômica e cultural. Entretanto, algumas experiências de políticas de planejamento urbano direcionadas à revitalização/requalificação/reabilitação desses espaços instituem uma padronização da paisagem e dos usos existentes nos espaços fundacionais das cidades por meio de uma imposição “de cima pra baixo” dos poderes públicos municipais, estaduais e federal, ancorada em critérios técnicos arbitrários, de quais pessoas devem frequentar estes lugares e quais não devem. (Braga, sd, sp)

Veja que interessante é a inversão das intencionalidades das prefixações neste caso. O poder público, aliado a interesses privados, promete revitalizar e requalificar o território, mas, o que está por trás é um movimento de desalojar, destituir, desqualificar e desagregar os moradores das classes mais populares<sup>16</sup>.

A retórica da re-vitalização, em muitos casos, opera como movimento de apagamento das histórias locais em nome de uma modernidade elitista. Assim, os prefixos *re* e *des* podem servir tanto à regeneração quanto à reprodução de hierarquias, dependendo de quem detém o poder de nomear. Para romper essa lógica, é preciso ir além da semântica: incorporar vozes marginalizadas no planejamento urbano e garantir que a re-existência das comunidades seja o eixo das políticas públicas.

Fica o convite para que os gestores da crise, ou seja, aqueles que têm a oportunidade de tratar o tema com perspectivas de transformação, para que se apoiem nos horizontes semânticos da prefixação *re*, em sua base emancipadora. Não nessa ideia de “re-vitalizar” demolindo prédios e tirando do lugar as vidas que lá habitam.

---

<sup>15</sup> "Gentrificação é um processo de transformação e supervalorização de uma determinada área da cidade, promovendo um aumento no custo de vida. Essa dinâmica imposta atrai um novo perfil de moradores — uma população de maior poder aquisitivo —, ao mesmo tempo em que expulsa seus antigos residentes, que partem em busca de bairros mais acessíveis economicamente. Diante disso, a gentrificação aprofunda a segregação socioespacial e evidencia a falta de um planejamento urbano mais eficaz nas cidades." Veja mais sobre "Gentrificação" em: <https://brasilescola.uol.com.br/geografia/gentrificacao.htm>

<sup>16</sup> C.f. Coletivo Left Hand Rotation “Luz” - documentário sobre gentrificação (projeto Nova Luz), disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=A6o0MHEnDq0>

Reflitam melhor. Repensem as estratégias e opções. Repartam os saberes e as possibilidades. Reúnam as pessoas de diferentes grupos e departamentos (públicos e privados) para ouvi-las. Redimensionem suas ambições e desejos. Retome a história do território para não provocar um apagamento cultural e existencial. Respeitem as histórias de vida. Reaproxime os valores humanos e culturais.

Evitem o deslocamento desnecessário das pessoas de seus lugares. Evitem o descaso com as pessoas mais vulneráveis e desiludidas. Não promova mais desorientação do que já está instalado nessa complexa relação entre as distintas formas de viver. Não permitam que pessoas despreparadas atuem no lugar.

### **Considerações finais**

Para interpretar o mundo e, com ele, compor modos de entrelaçamentos mais dignos para o desenvolvimento humano, faz-se necessário referenciá-los com recursos para melhor sentir, pensar e atuar.

O mundo da vida cotidiana e dos aportes semânticos fornecidos por palavras e prefixações, pode ampliar as leituras das realidades complexas e evitar, ao menos em parte, o anestesiamiento das percepções, a dessensibilização, o descaso e a desumanização.

Em princípio, palavras e prefixações não são nem positivas nem negativas por si mesmas. É a práxis e o contexto que se tem delas que induz a direcionamentos mais positivos ou negativos. As palavras e prefixações, como orientadores de sentido, valores e relações podem ser utilizadas em muitas direções, pois operam como indutoras, desvelando camadas da vida cotidiana que ficam escondidas na trama semântica, ajudando a compreender determinadas situações e contextos complexos, em alguns casos conflitivos e paradoxais.

O exemplo do que ocorre no bairro da Luz, é uma maneira de constatar a correlação entre a semântica encarnada, as intencionalidades fenomenológicas traduzidas nas prefixações *re* e *des* e a vida cotidiana.

Temos consciência de que, aquilo que foi trabalhado ao longo do artigo, não vai resolver essa complexa realidade. Não é essa a intenção e nem se pretende aprofundar o que ocorre neste desafiante território.

Ao menos, como recurso sensibilizador e reflexivo de linguagem, temos a esperança que possa auxiliar na práxis cotidiana das vidas neste lugar, mas também na conjunção de outras vidas em outros territórios. É uma maneira de mostrar como aquilo que se está vivendo encarnadamente não está distante do universo semântico das palavras e suas prefixações.

Mas não é somente no campo semântico das palavras e suas prefixações que podemos explorar a vida como práxis criadora. As múltiplas linguagens associadas às nossas experiências encarnadas estão aí, disponíveis, para serem acionadas. Na condição de seres linguajantes que somos, pela miríade de modos de ser e viver, é imprescindível o respeito à diversidade dos corpos através de uma educação comprometida com a emancipação semântica.

Embora a motricidade vital e os recursos semânticos aqui discutidos ofereçam elementos para pensar a vida cotidiana, é necessário reconhecer seus limites frente a estruturas materiais e simbólicas de manipulação e opressão. A linguagem, por mais transformadora que seja, não circula no vazio: desigualdades socioeconômicas, hierarquias institucionais e violências históricas condicionam seu alcance. Assim, propomos esta reflexão não como solução definitiva, mas como uma abordagem crítico/reflexiva, ou seja, um convite a repensar práticas educativas, políticas urbanas e gestões institucionais, sempre em tensão com as contradições do real. A práxis criadora só se efetiva quando articulada a mobilizações por condições mínimas para a vida acontecer, sob risco de reduzir-se a um idealismo desconectado dos corpos que habitam o cotidiano.

Das palavras e suas prefixações, voltemos ao maracatu de Alceu Valença: “pare, repare, respire, reveja, revise sua direção - olhe com todo cuidado para todos os lados do seu coração”. Esse é um dos propósitos da Motricidade Vital, auxiliar as pessoas a compor um melhor reconhecimento de si e dos outros, vitalizando ambientes e cotidianos.

## Referências

BRAGA, E.O. **Gentrificação**. Dicionário do patrimônio cultural. IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico Artístico e Cultural. Sd. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/dicionarioPatrimonioCultural/detalhes/78/gentrificacao>

BERARDI, F. **Fenomenología del fin: sensibilidade y mutación conectiva**. Buenos Aires: Caja Negra, 2017.

COMOVI ( Coletivo Motricidade Vital). Motricidade vital: uma nova ontologia regional. **International Studies on Law and Education**, CEMOrOc-Feusp,n.40, jan-abr 2022. Disponível em: <http://www.hottopos.com/isle40/Motricidade.pdf>. Acesso em 11 abr 2025.

ECHEVERRÍA, R. **Ontología del lenguaje**. Chile: J.C.Sáez Editor, 2003.

FRÚGOLI Jr, H.; SKLAIR, J. O bairro da Luz em São Paulo: questões antropológicas sobre o fenômeno da *gentrification*. **Cuadernos de Antropología Social**, Universidad de Buenos Aires Buenos Aires, Argentina, n.30, p. 119–136, 2009. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/1809/180913916007.pdf>

HAN, B-C. **A crise da narração**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2023.

JOUSSE, M. **L'anthropologie du geste**. Paris: Editions Resma, 1969.

LÓPEZ QUINTÁS, A. **Inteligência criativa: descoberta pessoal de valores**. São Paulo: Paulinas, 2004.

MACEDO, L. Aprender e suas significações *Re. Bol. - Acad. Paul. Psicol*, v.40, n.98, São Paulo jan./jun. 2020. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/bapp/v40n98/a17v40n98.pdf>

MATURANA, H. **A ontologia da realidade**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014a.

MATURANA, H. **Cognição, ciência e vida cotidiana**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014b.

MEIRELLES, L. L.; CANÇADO, M. Análise semântica do prefixo re- em verbos do português brasileiro. **Revista da ABRALIN**, [S. l.], v. 13, n. 1, 2014. Disponível em: <https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/1204> . Acesso em: 20 fev. 2024.

NEIVA, L. Arte do entorno. **Gama**, 2020. Disponível em: <https://gamarevista.uol.com.br/cultura/ler-ouvir-ver/arte-do-entorno/>. Acesso em: 20 fev. 2025.

OLIVEIRA, S.M. Derivação prefixal: um estudo sobre alguns prefixos do português brasileiro. **Dissertação de Mestrado**, na área de Teoria e Análise Lingüística, apresentada ao Curso de Pós - Graduação em Lingüística, da Universidade Federal de Santa Catarina, 2004. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/86632>

QUINTANA, M. **Assombros cotidianos: antologia**. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2024.

ROSA, H. Aceleração: **A transformação das estruturas temporais na modernidade**. São Paulo: Editora Unesp, 2019.

SANTOS, F. M. ; OLIVEIRA, M. L. S. Rastreia-te a ti mesmo: self-tracking e a gestão do corpo saudável em contextos de risco. **Ambivalências**, São Cristóvão-SE, v. 9, n. 18, p. 224–249, 2022. DOI: 10.21665/2318-3888.v9n18p224-249. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/Ambivalencias/article/view/16827>. Acesso em: 25 fev. 2025.

SANTOS, S.O. Entrelaçamento semântico e eficiência algorítmica: distinções e possibilidades criadoras entre processamentos telemáticos e experiências

encarnadas na produção de conhecimento. Revista **International Studies on Law and Education**, CEMOrOc-Feusp, n. 49, jan-abr de 2025. Disponível em: <http://www.hottopos.com/isle49/Sergio.pdf>. Acesso em: 20 fev 2025.

SANTOS, S.O. O ser-motricio. **Revista International Studies on Law and Education**. Cemoroc-Feusp/ IJI- Univ. do Porto, n.27. set-dez 2017. Disponível em: <http://www.hottopos.com/isle27/37-48Sergio.pdf>

SANTOS, S. O. A rede de sentidos e a tríade experiência, narratividade e interpretação. **International Studies on Law and Education**, CEMOrOc-Feusp, n.40, jan-abr 2022 Disponível em: <http://www.hottopos.com/isle40/2Sergio.pdf>

SANTOS, S. O.; SOARES, M,G. Vitalização semântica e educação. **Resumo Expandido**. ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação, 2024. Disponível em: [https://base.pro.br/sites/regionais2/docs/14694-TEXTO\\_PROPOSTA\\_COMPLETO.pdf](https://base.pro.br/sites/regionais2/docs/14694-TEXTO_PROPOSTA_COMPLETO.pdf). Acesso em: 19 fev. 2025.

SANTOS, S,O; TRIGO, E; SOARES; M.G. Motricidade vital e as ressonâncias semânticas na era da emergência de sentidos. Revista Motricidades. v. 9, n. 1, p.108 - 125, jan. - abr. 2025. Disponível em: <https://www.motricidades.org/journal/index.php/journal/article/view/2594-6463-2025-v9-n1-p108-125/569>. Acesso em: 11 abr 2025.

SÉRGIO, M. **Um corte epistemológico: da educação física à motricidade humana**. Lisboa: Instituto Piaget, 1999.

SCHEFFLER, Ismael. Jacques Lecoq e a antropologia do gesto de Marcel Jousse. **PÓS:Revista do Programa de Pós-graduação em Artes** da EBA/UFMG. v.9, n.17: mai. 2019. Disponível em:<https://eba.ufmg.br/revistapos>.

WERLANG, R; MENDES, J.M.R. Serv. Soc. Soc., São Paulo, n. 116, p. 743-768, out./dez. 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sssoc/a/ZgB7nvx4ps8DmGFvNvBYmd/?format=pdf&lang=p>. Acesso em: 21 fev. 2025.

Recebido para publicação em 11-04-25; aceito em 18-04-25